



livros&leituras • SÉRGIO DE SÁ // sergio.sa@terra.com.br

Bernadete Lou /Divulgação

# FEITICEIRO EM FORMA

O advogado Mandrake está de volta. A personagem dá título ao novo livro de seu criador, o escritor Rubem Fonseca. São duas novelas (ou contos longos) em *Mandrake: a Bíblia e a bengala* (Companhia das Letras, 200 páginas, R\$ 32), duas narrativas policiais independentes que, entretanto, vão se cruzando em função de uma personagem feminina e terminam por se encontrar ao final. Em “Mandrake e a Bíblia da Mogúncia” e “Mandrake e a bengala Swaine”, Fonseca parece se divertir ao escrever, com o mesmo charme do que de melhor fez no passado, o que dá ao texto uma leveza que a crítica exigente pode considerar frouxidão. É diversão inteligente. Aos 80 anos de idade, o autor mineiro radicado no Rio desde os 8 anos oferece ao leitor o que se espera dele, com um pedido disfarçado para não ser levado tão a sério.

O artificialismo de algumas descrições e digressões não incomodam mais, apenas alertam o leitor, como nos melhores momentos da vasta obra do autor, para o caráter estranho da ficção, anunciada paradoxalmente, no primeiro parágrafo do livro, como a verdade que não é obrigada a “obedecer ao possível”. Na violência grotesca e vulgar do Rio de Janeiro “real”, não é “possível” um personagem extremamente charmoso, apreciador de charutos e vinho tinto português, devorador de mulheres, “uma pessoa que não reza, e fala pouco, mas faz os gestos necessários”, como está descrito no conto “Dia dos Namorados”, do livro *Feliz Ano Novo*. O criminalista Mandrake está ainda no romance *A grande arte* e na novela *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*, além de outros contos, inclusive o que também leva seu nome, do livro *O cobrador*. O advogado irá aparecer em breve na televisão, no canal a cabo HBO, em minissérie dirigida pelo filho José Henrique Fonseca, da Conspiração Filmes. O ator Marcos Palmeira será Mandrake.

Na primeira história do livro, o assunto que serve ao desfile de conhecimento do autor são os livros raros. É curioso, nesse item, que apareçam referências ao que guarda de raro a Biblioteca Nacional, no Rio, atualmente dirigida pelo genro de Rubem Fonseca, Pedro Corrêa do Lago. Na segunda parte, aprendemos o que significa a palavra alemã *Schadenfreude* e nos submetemos a diversas expressões em italiano, além de conhecer tipos diferentes de bengala. É apoio, recurso conhecido: a erudição em cultura de massa. Aqui acrescentam-se com mais intensidade o entrecruzamento das personagens que conviveram com Mandrake em outras histórias ou mesmo o relacionamento direto (para o leitor atento ou fã) com outras narrativas, como o conto “Duzentos e vinte e cinco grammas”, do primeiro livro de Fonseca, *Os prisioneiros* (1963).

É um grande balanço de figura marcante da literatura brasileira contemporânea, com as doses habituais de erotismo, violência e repulsa (em cena extraordinária de necropsia) espalhadas pela verdade “impossível” do Rubem Fonseca autor de histórias policiais. Leitura previsivelmente deliciosa, com bengalas que ajudam o texto a andar, mas que reservam sempre alguma surpresa agradável.



## ANTES DA FEIRA

Pela segunda vez (a primeira, em 1972), Brasília sediará o Encontro Nacional de Editores e Livreiros. Nos três dias que antecedem a 24a Feira do Livro de Brasília, marcada para 26 de agosto a 7 de setembro no Pátio Brasil, editores e livreiros debatem, no Hotel San Marco, o tema “Nosso Negócio: Hoje e Amanhã”.

## REDE DE GRAÇA

A Biblioteca Demonstrativa de Brasília (506/7 Sul) inaugurou, em parceria com o Banco do Brasil, o Telecentro Comunitário Cassiano Nunes, para acesso gratuito à internet. O nome homenageia o escritor “pela sua história de vida e pela colaboração que vem prestando à instituição”.

## DANILO LÔBO

A nota triste da semana foi a morte, aos 63 anos, do professor Danilo Lôbo, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília. Poeta e ensaísta, escreveu *O poema e o quadro: pictorismo na obra de João Cabral de Melo Neto* (1981) e *Poemas quadripartidos* (1990), entre outros. “Danilo reviu o parnasianismo, por exemplo, enquanto tanta gente limitava-se a repetir, acerca de Olavo Bilac, a zanga programática dos modernistas”, lembra o dramaturgo e poeta Fernando Marques, um de seus muitos admiradores.

## DOSE DUPLA

A editora de Cultura do **Correio**, Clara Arreguy, prepara-se para lançar dois livros. Um de memórias, *Fafich*, com lançamento previsto para setembro, em Belo Horizonte, pela coleção *BH — A cidade de cada um*, da editora Conceito Comunicação. Na *Fafich*, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, renasceu o movimento estudantil na virada da década de 1970 para a de 1980. O outro título é a novela *Segunda divisão* (Editora Lamparina), uma ficção em torno da decisão do campeonato brasileiro da série B. “Os personagens são jogadores, técnicos, juiz, jornalistas envolvidos na tal decisão”, conta a autora. O prefácio é do ex-jogador Tostão. O lançamento será dia 22 de agosto, em BH, e em 30 de agosto, em Brasília, ambos dentro do projeto Sempre um papo.

## FOLHETIM

Depois da experiência da revista *Cult* com a publicação de uma novela de Marcelo Mirisola, agora é a vez do jornal literário *Rascunho*, de Curitiba, colocar nas páginas, mensalmente, capítulos de um livro. O pernambucano Fernando Monteiro, autor, entre outros, do elogiadíssimo *A cabeça no fundo do entulho* (1999), assinará o romance *O inglês do Cemitério dos Ingleses*. No século 21, de volta ao 19.